

Recordações escolares

Crônicas e Produções de Si nas escritas de ex-alunas do Colégio Coração de Jesus ¹

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade

Mestranda PPGH/UDESC

Eixo Temático II: Escola Normal/ Curso de Magistério

RESUMO

O trabalho que se segue pretende estudar um conjunto de crônicas escritas por ex-alunas do Colégio Coração de Jesus (Florianópolis, SC), publicadas no Jornal O Estado no ano de 1988 quando da comemoração no aniversário de 90 anos da instituição. Pelos escritos pode-se perceber investimentos nos usos das memórias pessoais em prol das comemorações do Colégio em festa. Para esta publicação foram chamadas a dar seus depoimentos ex-alunas, especialmente formadas no curso normal entre as décadas de 1920 e 1970, que em suas escritas deixaram entrever suas construções de si e de representações em torno da história do Colégio, evidenciando aspectos como a escola exclusivamente feminina, o Curso Normal e a distinção social supostamente proporcionada pela escola entre as décadas de 1920 e 1970.

¹ O artigo que segue é parte da dissertação intitulada: Comemorações entre atos: História do Tempo Presente, Educação e Catolicismo no centenário do Colégio Coração de Jesus (Florianópolis, 1988 – 1998), em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

De acordo com o dicionário Aurélio² a crônica como modalidade de escrita tem diversos significados. Pode ser referente a colunas de periódicos sobre assuntos específicos, uma genealogia de família nobre ou mesmo um registro de fatos em ordem cronológica. Para Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, organizadores do livro *História em Cousas Miúdas* a crônica tem “como uma de suas características primeiras a leveza.” (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA; 2005, p.9). Mais ainda esta modalidade de escrita é bastante específica das publicações de jornais, para serem lidas ao sabor do dia-a-dia, daí sua leveza, seu linguajar fácil. Talvez por isso as crônicas foram afastadas da literatura enquanto arte, pois seu consumo é diário, é efêmero. Para a História tal forma de escrever e proporcionar uma leitura de acontecimentos configura-se como uma fonte que deixa em seus escritos traços da vida do autor, suas formas de ler, pensar, agir. Para Ana Chrystina Venancio Mignot “A urdidura narrativa da crônica permite compreender que os acontecimentos passados inscrevem suas marcas no espaço físico, nas consciências individuais e na memória coletiva.” (MIGNOT; 2010, p. 88) Mais ainda o estudo destas escritas permite pensar em traços de produções de si nas formas como cronistas colocam-se no texto.

Neste trabalho pretende-se estudar um conjunto de crônicas publicadas no Jornal O Estado em 11 de junho de 1988. Tais escritas foram produzidas e divulgadas tendo em vista as comemorações dos noventa anos do Colégio Coração de Jesus, instituição particular e católica de ensino, com sede em Florianópolis. Assim a proposta é estudar as narrativas escritas por ex-alunas e publicadas no periódico acima citado buscando entender os usos dados às memórias pela escola em momento comemorativo. Neste caso as crônicas das ex-alunas servem para narrar histórias do cotidiano escolar, agregando valor positivo ao mesmo a partir dos usos das memórias narradas.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª edição: Curitiba, Ed. Positivo, 2010. O verbete *crônica* encontra-se na página 616 da edição.

Este conjunto de crônicas encontra-se em um informe especial do jornal O Estado, de circulação regional³. Estar presente neste jornal - de grande circulação à época - eternizando sua versão da história através da escrita significou, para esta escola, um grande trânsito, não só entre os cidadãos leitores do jornal, como também, das diversas esferas da sociedade. Por ser um espaço raramente encontrado no periódico diário, um *Informe Especial*, pode-se inferir que este espaço destinado ao colégio foi comprado ou conquistado pela instituição com o intuito de publicizar seus feitos e suas versões de história em momento comemorativo. Deve-se analisar tal informe em seu conteúdo completo, afinal, mesmo que o lugar destinado às crônicas tenha recebido destaque – com o maior número de páginas, por exemplo – outras informações são encontradas e em seu conjunto pode-se perceber algumas propostas da escola. Pelo que é possível notar o intuito é atrelar passado, presente e futuro através dos textos.

Com uma capa exaltando e contando a história oficial da escola, por meio de textos e “fotos de quase um século de dedicação à cultura em SC”⁴ e da Congregação das Irmãs da Divina Providência – mantenedora da instituição – a escola apresenta uma nova proposta de ensino, em destaque: “Informática e vídeo auxiliam ensino”⁵. Os textos contidos no informe especial destacam tais inovações, como “a tecnologia a serviço da educação”⁶ e um depoimento da “Secretária de Cultura destaca avanços nos métodos didáticos”⁷. Esses textos são dados a ler como o presente e o futuro da escola, em meio às modernizações que a escola está implantando. Mas, o maior destaque é dado ao passado, afinal, além das crônicas é possível encontrar cartas de ex-alunas, um texto sobre a origem da congregação, fotografias da escola, bem como o hino do colégio. O enfoque no passado pode ser entendido aqui como uma vontade de reafirmar valores e de se autopromover durante as comemorações, apresentando propostas de inovar o

³ O referido jornal encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

⁴ Informe Especial Colégio Coração de Jesus: 90 anos de amor à educação. In: O Estado, 11 de junho de 1998. Capa.

⁵ Idem.

⁶ Informe Especial Colégio Coração de Jesus: 90 anos de amor à educação. In: O Estado, 11 de junho de 1998. P.2

⁷ Informe Especial Colégio Coração de Jesus: 90 anos de amor à educação. In: O Estado, 11 de junho de 1998. P.7

ensino oferecido atrelado às memórias das ex-alunas, dando a ler assim sua suposta tradição em educar mesmo renovando os modelos do ensino.

Por isso as crônicas foram escolhidas como valiosa fonte para perceber traços das comemorações nos textos das ex-alunas. As comemorações em torno do aniversário de 90 anos da instituição configuraram-se como uma preparação, um pontapé inicial para as comemorações que viriam dez anos depois, com o centenário do colégio. Usou-se das memórias por meio das crônicas para agregar valor positivo ao mesmo e assim, as memórias narradas foram usadas em torno da comemoração para publicizar a escola.

As narrativas das crônicas estudadas são, portanto, memórias. Estas podem ser entendidas pela sua capacidade de reunir e de construir identidades, ou como aborda Albuquerque Jr., fala-se aqui em memória afetiva, pois “está ligada à forma de sensibilidade social a que está preso o indivíduo” (ALBUQUERQUE, 2007 p.203), emergindo das emoções que depositamos em cada recordação. Trabalhando as identidades através de memórias, a escola conseguiu êxito na confecção das festas, justamente porque trouxe à tona o nível afetivo das memórias.

Estudar memórias configura-se como um desafio ao historiador do presente. Se Pierre Nora (1998) afirma que não temos mais memória, Paul Ricoeur (2008) nos mostra um caminho alternativo aos estudos em torno das mesmas. Para Nora a memória não existe, e por isso consagramos lugares a ela. Já Ricoeur traz uma nova proposta onde não existe uma ruptura brusca entre memória e história, afirmando ainda a plena existência de diversos níveis da memória - artificial, natural, coletiva, pessoal. É preciso, portando trazer a memória à história, ou nas palavras de Maria Inês Mudrovich (2009), proporcionar o “retorno de Clio à Mnemosine.”. O estudo das memórias é, pois, de suma importância aos estudos históricos, tendo em vista que as fontes geradas das memórias trazem específicos traços e rastros do passado, além de dotar o mundo de significados pelos atores da história. A partir dos estudos de Helenice Rodrigues da Silva é possível compreender os novos usos da memória pela história a partir do viés do filósofo Paul Ricoeur

Mais do que um simples objeto da história, a memória parece ser, dentro dessa nova perspectiva de análise, uma de suas “matrizes”. Segundo Paul Ricoeur, ela permanece, em última instância, a única guardiã de algo que “efetivamente ocorreu no tempo”. Assegurando a continuidade temporal, a memória, fragmentada e pluralizada, se aproxima da história pela sua “ambição de veracidade”. Visando, portanto, a uma melhor apreensão das relações passado, presente e futuro, os recentes estudos franceses, nesta área, atestam a impossibilidade de uma dissociação, até então admitida, entre a memória e a história. (SILVA, 2002 p.426)

Nas crônicas das ex-alunas as memórias privadas e públicas se confundem. Para Paul Ricoeur o uso da memória constitui-se em rememoração, sendo este um processo individual, e transforma-se em narrativa, no caso aqui citado para auxiliar na comemoração, que é, segundo o mesmo autor a construção de memória coletiva. Há portanto no caso aqui estudado a mediação entre processo individual e coletivo, a partir dos conceitos de rememoração e comemoração. As identificações promovidas em meio aos textos produzidos pelas rememorações auxilia, pois, na promoção de identificações em torno do Colégio, como pode-se notar nos escritos de Maria de Lourdes Campos Elias: “E creio que como eu, outras tantas meninas, moças, mulheres educadas e formadas por este querido Colégio têm também, muita coisa a recordar.”⁸

A fim de entender a construção destas memórias em forma de textos, cabe nesta análise esquematizar o conjunto de crônicas em forma de tabela para que a publicação seja melhor visualizada. Na imagem abaixo segue uma tabela construída a partir das informações encontradas nas crônicas, tais como nome da autora, título do texto, assunto, período que frequentou a escola, bem como um excerto do texto que permita visualizar o tema central do texto de cada autora.

Autora	Título	Assunto	Anos na escola	Excerto
Maria Olympia da Silveira Ferreira	Memórias de uma aluna interna	Retrospectiva do estudo na escola e lembranças do dia-a-dia, das atividades no	Início em 1938	“Este artigo se deve à gentileza e à honra que me fizeram minhas colegas do Colégio Coração de Jesus. Nele fiz meus estudos

⁸ Crônica de Maria de Lourdes Campos Elias

		Colégio.		secundários e os de Curso Normal. Nele ensinei.”
Silvana Ramos Mello Santiago de Andrade	Tempo Feliz	Conta as etapas da vida escolar e o cotidiano na escola	Formanda de 1970	“Éramos alegres e despreocupadas, mas não lembro de uma só vez que tenhamos desrespeitado um professor ou desacatado uma freira. Existia muito respeito, acima de tudo.”
Almira	Retalhos de Lembranças	Descreve espaços e atividades do Colégio	Não consta	“Vale a pena abrir o baú das recordações, embora doa. A gente encontra tanta coisa, hoje ingênua: ‘santinhos’, versinhos, bilhetes, alguns de poesia, retratos, questionários bisbilhoteiros...”
Maria Beatriz Wildi Vinhares de Oliveira	90 anos	Fala sobre a forma como o Colégio viu as alunas passarem e amadurecerem, proporcionando boas lembranças	Não consta	“Encontraria eu lá em algum recanto aquela menina-mocinha que insiste em existir refletida no espelho das nossas imagens vividas?”
Julia Cascaes Pereira	Reminiscências	Lembranças do cotidiano da vida escolar	Início em 1931	“Oh! Quantas recordações gostosas gravei na tela da memória, arquivando fatos e sentimentos durante uma década plena de alegria pura, na ânsia de viver estudando e cantando, aprendendo e rezando.”
Alice Gonçalves Petrelli	Crônica da ex-aluna	Exaltação ao Colégio por manter-se num mundo moderno, homenageando principalmente a Congregação	Iniciou os estudos em 1912	“Nossa cidade foi embelezada também pela mão do homem. Construções sólidas e belas surgiram aos poucos. Com o passar dos anos, muitas delas foram derrubadas para dar lugar ao moderno. Dentre as que permaneceram intactas, lá está o

				casarão firme, soberbo e austero. A ele deram o nome de Colégio Coração de Jesus.”
Maria de Loures Campos Elias	Recordações...	Exaltação aos valores patrióticos e católicos	Ingresso em 1943 no curso primário	“Eu reconheço que vivi numa época que considero feliz, alegre, e desprezenciosa, porém numa época em que os princípios básicos de respeito, responsabilidade, religiosidade e moral foram a tônica mais forte.”

As análises que aqui se seguem vêm no tom de perceber as construções narrativas em torno da instituição que comemora seu aniversário a partir dos traços autobiográficos presentes nas crônicas escritas pelas ex-alunas. Nelas pode-se encontrar exaltação ao Colégio em torno de memórias de juventude, que evidenciam os valores católicos, a educação tradicional e as boas maneiras e polidez que, segundo elas, o Colégio foi capaz de proporcioná-las.

As memórias narradas e promovidas apresentam-se também como formas de produção de si. As lembranças de juventude aparecem nos textos de forma doce e nostálgica: “Também eram enormes o portão e a escadaria que atravessava o jardim, entre zínias, targetes e margaridas, em seus últimos coloridos de fim de verão.”⁹, ou “A chácara era linda, com curvas suaves, cheia de plantas sempre floridas.”¹⁰. O que se percebe nestas crônicas é a presença da vida das ex-alunas, construídas nas poucas linhas do jornal, evidenciando a escola da infância/juventude por seus 90 anos, e conseqüentemente, o que esta instituição significou para a formação – educacional e de caráter – das alunas ali, dispostas a cruzar suas histórias pessoais com a história da escola que se buscou construir:

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que

⁹ IDEM

¹⁰ Crônica de Almira

os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas. (GOMES, 2004 p.11)

O que se pode perceber nestes escritos é a produção de sentidos para momentos vividos na juventude, que são trazidos à tona na forma de boas lembranças. Deixa-se de lado os maus momentos, ou melhor, edita-se as lembranças.

Estudar aspectos biográficos, como no caso das crônicas das ex-alunas, nos permite pensar no *boom* do eu de fins do século XX. Historiadores e jornalistas debruçam-se hoje sobre tal temática, afinal, ela figura entre os livros mais vendidos, e percebe-se que a nossa sociedade busca cada vez mais a exposição do eu. Para Benito Bisso Schmidt

é possível dizer que a massificação e a perda de referenciais ideológicos e morais que marcam a sociedade contemporânea têm como contrapartida a busca, no passado, de trajetórias individuais que possam servir como inspiração para os atos e condutas vivenciados no presente. (SHMIDT, 1997: 4)

Tenta-se, nesta modalidade de escrita de si, demonstrar uma linearidade da vida, uma estabilidade; mostra-se um modelo a ser seguido: ex-aluna da escola, bem estabelecida profissionalmente, mãe dedicada e boa amiga, que mantém ainda suas ex-colegas de infância no seu círculo social, como se pode perceber nos excertos que se seguem: “éramos alegres e despreocupadas, mas não lembro de uma só vez que tenhamos desrespeitado um professor ou desacatado uma freira.”¹¹, “tempo em que a pátria sobrevivia; tempo do hino nacional; da bandeira e do hino à bandeira”¹², “Quantas pessoas passaram por esse Colégio! Quanta fé atingindo corações humanos! Quanta vibração e quanta educação para que filhos dessa terra se projetassem dignamente em cargos relevantes.”¹³. Nestas linhas traçadas é possível perceber a relevância dada aos considerados *bons exemplos*. Nos escritos coloca-se enfoque na postura respeitosa frente à instituição escolar, à educação e aos valores católicos nela recebidos e aos valores patrióticos lembrados com saudosismo dotando a vida passada de significados.

¹¹ Crônica de Silvana Ramos Mello Santiago de Andrade

¹² Crônica de Maria Olympia da Silva Ferreira

¹³ Crônica de Alice Gonzaga Petrelli

Consideramos hoje as fragmentações do indivíduo, acreditando não ser ele um ser fechado, unilateral e homogêneo. No prólogo de seu livro *Escrita de si, escrita da história*, Ângela de Castro Gomes aborda este aspecto das produções de si:

É exatamente porque o “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa permanência e estabilidade através do tempo. (GOMES, 2004: 13)

Assim, as crônicas das ex-alunas do Colégio Coração de Jesus demonstram aos leitores vidas exemplares. Maria Olympia da Silveira Ferreira inicia seu texto já demonstrando seu percurso de vida:

Este artigo se deve à gentileza e à honra que me fizeram minhas colegas do Colégio Coração de Jesus. Nele fiz meus estudos secundários e os de Curso Normal. Nele ensinei. Para ele trabalhei no Rio de Janeiro, logo após deixá-lo como professora, representando-o no Ministério da Educação para obter registro de suas novas professoras e de seus novos cursos.¹⁴

Estas crônicas nos dão suporte para pensarmos nas construções de imagens esperadas que estas ex-alunas procuraram publicizar. A partir da organização linear dos textos, dispõem-se momentos da vida escolar que são mostrados ao leitor através de suas doces lembranças, recortadas e arrumadas pelo escritor, por aquele que está dispondo estes pequenos momentos de sua vida privada ao público leitor do jornal, ou como aborda Philippe Artières: “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros.”. (ARTIÉRES, 1998, p.10)

Neste sentido, Ângela de Castro Gomes entende que se deve considerar a pessoa que escreve as crônicas também como editoras. As ex-alunas, neste caso específico estão praticando a atividade de editar sua vida, capturar pequenos momentos da vida escolar, escolhendo-os e expondo-os aos leitores do jornal: “É como se a escrita de si

¹⁴ Jornal O Estado de 11 de junho de 1988 p. 21, caderno Informe Especial.

fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto”. (GOMES, 2004: 16)

Os textos das ex-alunas dizem respeito às suas vidas na escola tendo o Colégio Coração de Jesus como centro das narrativas. Estudar nele, para as meninas florianopolitanas¹⁵, foi durante bastante tempo sinônimo de prestígio, haja vista que esta instituição sempre foi de caráter privado, abarcando as classes médias e altas urbanas. Tendo isto em vista, fica evidente nas narrativas das ex-alunas a necessidade de se fazer pertencer ao mundo deste colégio, e todos os significados que a instituição carregou consigo. Mais ainda, os textos das ex-alunas enaltecem a distinção social que o Colégio, para elas, foi capaz de promover, muitas vezes atrelada ao Curso Normal, curso este que abrigou grande parte das alunas do Colégio e que em 1988 contam suas memórias em formas de crônica no Jornal O Estado. Desde o início de suas atividades, o Colégio Coração de Jesus se propôs a educar as filhas das elites locais, em ascensão no Estado de Santa Catarina, em virtude do seu crescimento financeiro, social e político nos anos iniciais da República. Rosângela Cherem mostra que através das diversas fontes documentais do período pode-se “perceber uma espécie de sonho acordado, presente entre aqueles que se identificavam com o imaginário da sociedade burguesa”. (CHEREM, 2001: 298). Entende-se que este cenário possibilitou a formação de uma elite específica, constituída notadamente por negociantes e funcionários públicos, mais precisamente políticos, que na busca de uma educação tida como adequada às suas filhas, encontraram o Colégio Coração de Jesus. Assim, pode-se inferir que na pesquisa da autora estão também inseridos os personagens de uma parcela desta nova elite social, em fase de estabelecimento e expansão em Florianópolis, que neste momento estão vivendo o sonho de uma república, e com ela, uma nova constituição social e política, com ares de burguesia européia, requerendo novos serviços e novas práticas nos mais variados setores da sociedade. O aburguesamento vivenciado em fins do século XIX e inícios do século XX em Florianópolis demonstra a importância da distinção de classe para tal processo e assim as modificações no capital econômico, no capital cultural, nas práticas e nas subjetividades que envolvem esta nova classe social perpassam a inauguração do colégio das freiras. Cabe ainda ressaltar que as ex-alunas que escrevem

¹⁵ Até 1971 a escola abrigava em seu grupo de alunas apenas mulheres.

neste informe especial sobre o Colégio Coração de Jesus vivenciaram a escola até 1970¹⁶, quando houve uma modernização do ensino lá oferecido, deixando o sistema de educação feminina para iniciar um processo de co-educação.¹⁷

O ser burguês envolve, neste momento, a construção de um *ethos* específico, um *habitus* social como uma forma de distinção social. *Habitus*, conceito trabalhado por Pierre Bourdieu pode ser entendido como a interiorização, a internalização de valores e características, atribuídos ora pela sociedade, ora pelos meios escolares, ou por outras esferas do poder:

[...] as afinidades profundas que unem as obras humanas (e, evidentemente, as condutas e os pensamentos) tem seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir conscientemente e em certa medida inconscientemente ou, de modo mais preciso, de produzir indivíduos dotados do sistema de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados), o qual constitui sua cultura, ou melhor, seu *habitus*, ou seja, em suma, de transformar a herança coletiva em inconsciente individual e comum. (BOURDIEU, 2005, P.346)

Educar as elites e suas filhas mostrou-se como uma nova preocupação em Florianópolis a partir dos ares republicanos, e assim a história da instituição está intimamente relacionada ao processo de aburguesamento percebido em Florianópolis nos inícios da república, auxiliando ainda na formação da distinção social notadamente pela formação de um *habitus* social relativo às elites locais. Cabe ainda ressaltar que é deste mesmo período a fundação do Colégio Catarinense, e deste modo a formação escolar passa a estar assegurada¹⁸ para homens e mulheres das elites catarinenses no estado de Santa Catarina. Estas ex-alunas que escrevem em conagraçamento ao Colégio, como é possível perceber na tabela elaborada aqui, freqüentaram a escola principalmente na primeira metade do século XX, pertencendo então a esta vivência de aburguesamento, de construção de um *habitus social*, de uma distinção proporcionada pela instituição.

¹⁶ Cf tabela da página 4.

¹⁷ Sobre este assunto conferir: ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago. **Entre saias de pregas e calças compridas: a co-educação no Colégio Coração de Jesus (1971-1978)**. 2010. 102 p. : TCC (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2010. Disponível em : <<http://www.pergamumweb.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000F/00000FB8.pdf>>.

¹⁸ Antes da inauguração das duas escolas o mais comum era enviar os filhos desta classe social às instituições de ensino localizadas em São Leopoldo e Rio de Janeiro, e as filhas adquiriam conhecimento escolar notadamente através de aulas particulares e raramente saíam do estado em busca de estudo.

Assim, o que se pode inferir a partir das crônicas é que em suas narrativas podem ser percebidos refúgios do eu, transformados em refúgios dos outros, do(s) grupo(s). Os refúgios do eu, as memórias pessoais, neste caso publicadas e narradas em forma de crônicas, servem para construir uma representação de grupo, de classe social, fomentando assim o forjar de identificações em torno de uma instituição de ensino. Promover representações e identificações dá sentido ao presente comemorado.

As trajetórias pessoais ajudam a promover ainda a fixação do lugar da escola frente à sociedade. Pode-se pensar os caminhos tracejados tanto pela instituição promotora dos festejos como pelas cronistas que congraçam seu aniversário a partir da perspectiva de Michel de Certeau: “Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares.” (CERTEAU, 2008: 176). Entendendo essas crônicas como uma representações dos passos percorridos pelas autoras em juventude, e de suas experiências e vivências em torno da instituição, pode-se concordar com Certeau, afinal são os caminhos daqueles que praticam a cidade que tecem os espaços. Ou seja, aqueles que praticam a cidade definem seu lugar no espaço. Para o autor o lugar “imperam a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar próprio e distinto que define.” (CERTEAU, 2008: 201). Já o espaço é variável, “é um cruzamento de móveis” (CERTEAU, 2008: 202). O espaço é, portanto, definido pelos diferentes vetores que nele habitam, pelos diferentes passos dados, pelas diferentes formas de praticá-lo, ou mais, pela pluralidade de lugares que nele se encontram. Assim, as ex-alunas assentam o Colégio em posição de destaque perante os leitores do jornal, como é possível perceber em excertos como: “Cultas, dedicadas, ordeiras e exigentes, essas irmãs não mediram esforços para que esse Estabelecimento de ensino se tornasse tradicional.”¹⁹, “os desfiles de 7 de setembro, onde nós, vestindo o tradicional uniforme de gala e com uma certa vaidade, representávamos com todo garbo o Colégio Coração de Jesus.”²⁰

Os estudos aqui empreendidos para análise das comemorações referentes ao Colégio Coração de Jesus, notadamente a partir dos escritos das ex-alunas, em forma de produção de si, de edições da vida, possibilitam pensar nos refúgios do eu presente nos

¹⁹ Crônica de Alice Gonzaga Petrelli.

²⁰ Crônica de Maria de Lourdes Campos Elias.

traços desses escritos. As crônicas aqui estudadas podem ser entendidas pela perspectiva das autoras do livro *Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica*, que afirmam que “Desde o século XIX, mulheres brasileiras que tiveram acesso à alfabetização tentaram refletir sobre a própria vida rompendo o silêncio sobre o mundo.” (MIGNOT; BASTOS; CUNHA. 2000, p. 20). Esses pedaços de refúgios do eu, publicados em páginas de jornal, são também refúgios dos outros, afinal, em suas escritas é possível perceber a necessidade de construir identificações em torno da escola, das experiências partilhadas. Promover estas identificações auxiliou a escola a comemorar seu aniversário, afinal, ao reunir ex-alunas pelas memórias e lembranças dispostas, o Colégio fez com que parte da comunidade escolar viesse a público agregar valor positivo à escola.

Buscou-se nessa publicação forjar identidades, dar sentido, ter o controle, unificar. François Hartog em seu texto intitulado *Regimes de Historicidade* discute o *presentismo*, e auxilia na compreensão da História do Tempo Presente, bem como evidencia a necessidade dos estudos que envolvem os problemas das comemorações e da memória:

Outra fenda apareceu no presente por meados dos anos setenta, tão bombástica, mas já bem obcecada com predições: mostrou-se ansiosa acerca da questão da identidade, numa busca pelas raízes, uma ânsia de memória, preocupada com o "patrimônio", atormentada pela conservação de monumentos, de lugares antigos ou não tanto, a preservação da natureza. Ansiosa com a recuperação do que fora perdido, ou estava para ser perdido ou inquieta com o que fora "esquecido" (especialmente a memória da II Guerra Mundial).

O presente que requer uma memória e que a coloca em posição de destaque, que a busca no intuito de “recuperar o que fora perdido” e forjar identidades é o que se está falando ao trabalhar com as comemorações referentes ao Colégio Coração de Jesus em Florianópolis.

O que se pode inferir é que a instituição buscou no passado, no uso da memória, a definição do seu lugar perante a sociedade florianopolitana, reafirmando sua suposta

tradição em educar seus cidadãos e os valores que acreditam terem transmitido. Mais ainda, estes valores parecem vir de acordo com as modernizações e as novas propostas para educação oferecida na escola. Foi preciso portanto reafirmar este lugar de destaque, agregando valor positivo à educação promovida pela instituição, para que ela tivesse o aval para modernizar, para mudar.

No informe especial, além das crônicas das ex-alunas, textos referentes às novas propostas que o Colégio traz em seu aniversário de 90 anos. Inovações tecnológicas, salas de vídeo e informática representam um novo tempo para educação. É preciso evidenciar a tradição para mostrar-se capaz e responsável por inovar. São anúncios dos *horizontes de expectativa* (KOSELLECK, 2006) da escola para a virada de século que está por vir em meio às comemorações de seu centenário.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de Teoria da História; Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARTIÉRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista de Estudos Históricos. V.11 n. 21. 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Perspectiva. 2005.

DE CERTEAU, Michel. Introdução Geral. In: **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ:Vozes,2008

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **História em Cousas Miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

CHEREM, Rosângela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In: BRANCHER, Ana. AREND, Sílvia Maria Fávero. **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Time, History and the Writing of History: the Order of Time. In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*

JORNAL O ESTADO. **Informe Especial**. Florianópolis, 11 de junho de 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Sobre coisas de outros tempos: rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na 'Página de Educação'. In: **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 14, n. 30 p. 81-99, Jan/Abr 2010. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis : Mulheres 2000.

MUDROVIC, Maria Inês. Por que Clio retornou a mnemosine? In: A ZEVEDO, Cecília et al. (orgs). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993.

RICOEUR, Paul, **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP 2008.

SCHMIDT, B.. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos.. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 10, jul. 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040/1179>. Acesso em: 7 Mar. 2012.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.

SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

VII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina. Maio-Junho de 2012. ISSN 2236-7977.